

A DIFÍCIL TRANSIÇÃO: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLHA PROFISSIONAL DE JOVENS EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO¹

*Rosa Maria da Exaltação Coutrim (UFOP) **

*Maria Amália de Almeida Cunha (UFMG) ***

*Daniel Abud Seabra Matos (UFOP) ****

RESUMO

O final do Ensino Médio é um período de difícil transição para a vida adulta. Com o intuito de compreender como diferentes esferas de socialização influem nessa fase crucial de decisão e planejamento perante o futuro, foram selecionados para esta pesquisa alunos de quatro escolas públicas de Minas Gerais, duas delas localizadas em Belo Horizonte e outras duas em Mariana. A metodologia selecionada foi a qualitativa, e as técnicas utilizadas foram o questionário e a entrevista. O questionário visou identificar as tendências e fazer um panorama descritivo dos jovens egressos e suas famílias. As entrevistas contribuíram para uma análise da realidade cotidiana e das transmissões intergeracionais entre avós, pais e jovens. Assim, essa pesquisa discute como as diferentes gerações presentes em um mesmo espaço doméstico enfrentam o ingresso no mercado de trabalho, como constroem suas estratégias e planos frente ao futuro e como se relacionam com outras esferas de socialização do jovem.

Palavras-chave: Juventude. Transmissão geracional. Ensino médio. Escolha profissional.

ABSTRACT

THE HARD TRANSITION: FAMILY PARTICIPATION IN PROFESSIONAL CHOICE OF YOUNG PEOPLE HIGH SCHOOL GRADUATES

The end of high school is a time of difficult transition to adulthood. In order to understand how different spheres of socialization influence in this crucial phase of decision making and planning towards the future, for this research we selected students from four public schools in Minas Gerais, two of them located in Belo Horizonte, the

¹ Esta pesquisa contou com o financiamento público da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e do auxílio pesquisador da UFOP, a quem agradecemos o apoio e o incentivo concedidos. Participaram da pesquisa os/as bolsistas: Cristina Ferreira Assis (UFOP), Bruno Lucas Saliba de Paula (UFMG) e Vitor Correa Aleixo (UFMG).

* Doutora em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente/Pesquisadora na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Educação. Líder do Núcleo de Estudos Sociedade, Família e Escola (NESFE). Membro do Observatório Sociológico, Família e Escola (OSFE). E-mail: rosacoutrim@ichs.ufop.br

** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Membro do Observatório Sociológico, Família e Escola (OSFE). Docente/Pesquisadora na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade de Educação, Departamento de Ciências Aplicadas a Educação. E-mail: amalia.fae@gmail.com

*** Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Líder do Núcleo de Avaliação Educacional (NAVE). Membro do Observatório Sociológico, Família e Escola (OSFE). Docente/Pesquisador na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Educação. E-mail: danielmatos@ichs.ufop.br

other two in Mariana. The selected methodology was qualitative and the techniques used were questionnaire and interview. The questionnaire aimed to identify trends and make a descriptive outlook of young graduates and their families. The interviews contributed to an analysis of everyday reality and intergenerational transfers between grandparents, parents and young people. Thus, this research discusses how different generations present in the same domestic space facing the entrance in the labor market, as they build their strategies and plans to the future, and how they relate to other spheres of socialization.

Keywords: Youth; Generational transmission. High school. Professional choice.

RESUMEN

LA DIFÍCIL TRANSICIÓN: LA PARTICIPACIÓN DE LA FAMILIA EN LA ELECCIÓN DE CARRERA DE JÓVENES GRADUADOS DE LA ESCUELA SECUNDARIA.

El final de la escuela secundaria es un momento de difícil transición a la edad adulta. Con el fin de entender cómo los diferentes ámbitos de socialización influyen en esta etapa crucial de decisiones y la planificación para el futuro, fueron seleccionados para esta investigación los estudiantes de cuatro escuelas públicas de Minas Gerais, dos de ellas localizadas en Belo Horizonte y dos en Mariana. La metodología elegida fue cualitativa y las técnicas utilizadas fueron el cuestionario y la entrevista. El cuestionario dirigido a identificar tendencias y hacer un panorama descriptivo de los jóvenes y sus familias. Las entrevistas contribuyeron a un análisis de la realidad cotidiana y la transmisión intergeneracional entre abuelos, padres y jóvenes. Por lo tanto, esta investigación analiza cómo las diferentes generaciones presentes en la mismo espacio doméstico entra en el mercado de trabajo y construyen sus estrategias y planes hacia el futuro y cómo se relacionan con otras esferas de socialización del joven.

Palabras claves: Juventud, Transmisión generacional, Escuela secundaria, Elección profesional.

Introdução

Pensar em juventude é pensar em transição. Transição para a vida adulta, para o mercado de trabalho, para o curso técnico e/ou para a universidade, para as responsabilidades, dentre outras. É também considerar o difícil período de escolhas para o futuro, que são feitas dentro de um contexto sócio-histórico no qual a família, o bairro, a escola, as redes sociais, a mídia, os professores, as amigas e os (as) namorados (as), entre outras tantas instituições e pessoas, têm importante papel. Por isso, ao refletirmos sobre o lado de fora dos muros da escola, nos detivemos mais especificamente sobre a relação dos jovens com suas famílias, considerando o processo de socialização que vivenciam. Em outras palavras, reconhecemos a necessidade de pensar as “múltiplas” socializações, deixando um pouco de lado a concepção unívoca que confere às

instituições modernas a competência de formar as novas gerações (DOMINGUES, 2002).

Na sociedade atual tem sido observado o aumento da negociação na família. Diferentes membros e grupos, que até poucas décadas atrás possuíam pouco ou nenhum poder de decisão, têm sido mais ouvidos e suas opiniões têm sido respeitadas e consideradas na gestão familiar. Este é o caso das crianças, dos idosos e das mulheres, que não apenas colaboram diretamente com a renda familiar como interferem nas decisões familiares. A opinião dos jovens também tem sido mais considerada dentro do núcleo familiar e sobre eles são depositadas esperanças e expectativas de um futuro profissional de sucesso. Contudo, em uma sociedade em que se multiplicam as redes de socialização, a opinião e o desejo dos

mais velhos já não têm um peso determinante nas escolhas dos jovens.

Ao terminar o Ensino Médio, os jovens encontram-se sob um turbilhão de informações, pressões, descobertas e frustrações, e é justamente nesse contexto que eles são levados a fazer suas escolhas profissionais em um cenário mais ou menos conhecido (ou percebido) por eles, que é o exigente mercado de trabalho.

De acordo com Lahire (2007), a sociologia ainda tem muito a conhecer sobre a infância e a juventude em uma atualidade caracterizada por múltiplas socializações, com influências conjuntas e contraditórias da família, dos grupos de pares e também da escola.

Assim, inserido no debate sobre as diferentes juventudes no Brasil, este artigo tem como principal objetivo trazer para a discussão os resultados de uma investigação com jovens conluentes do ensino médio e seus familiares de Belo Horizonte e Mariana-MG sobre as aspirações para o futuro profissional, tendo como foco o peso das transmissões geracionais (pais e avós).

Desafios da sociedade atual: dá para projetar o futuro?

Diante do seletivo mercado de trabalho, em constante mutação, e do adiamento do ingresso do jovem na esfera produtiva, percebe-se, cada vez mais, uma tensão acerca do papel do Ensino Médio na preparação deste jovem para a vida adulta. A análise dos fatores que interferem nas escolhas dos jovens para o futuro não pode ser deslocada da crise que acomete o Ensino Médio no Brasil, considerando que a influência exercida pela escola sobre as decisões dos frequentadores do Ensino Médio público pode estar comprometida em razão do lugar (ou não lugar) que este nível de escolarização representa na formulação de projetos para o futuro. Isso reflete também no desempenho insatisfatório dos jovens brasileiros nas avaliações externas nacionais e estaduais (NEUBAUER et al, 2011).

As dificuldades enfrentadas pelo ensino médio no Brasil também têm sido alvo de investigação de Brenner e Carrano (2014), que revelam diversos fatores de degradação das escolas que afetam diretamente na qualidade do ensino oferecido e,

consequentemente, no interesse dos alunos em se manter estudando.

A expansão degradada da escola pode ser traduzida em fatores tais como: aligeiramento dos conteúdos escolares; formação inadequada de educadores frente aos desafios cotidianos da escola massificada e com públicos diversificados; sobrecarga do trabalho docente; precária estrutura física institucional escolar; diminuição dos investimentos; massificação dos sistemas de ensino; aumento da demanda por escolarização média; expansão desregulada do ensino médio ao encargo dos governos estaduais; multiplicação e complexificação de desigualdades escolares entre sistemas e redes de ensino; reordenamento das hierarquias no interior das redes e sistemas; e, também, combinação de antigas e novas desigualdades no interior de instituições, dentre outros (BRENNER; CARRANO, 2014).

Além da “crise de identidade” vivida pelo Ensino Médio, destacada por Neubauer e colaboradores (2011), pelas dificuldades de conclusão e de vislumbrar sua vida para além dessa etapa escolar, os jovens encontram-se, hoje, em um cenário completamente diferente das gerações anteriores. Segundo Leão, Dayrell e Reis (2011), até meados do século XX dominava a ideia do futuro aberto, para o qual os mais jovens podiam seguir com mais segurança em busca de uma “terra prometida”. Hoje, o futuro é “governado pelo risco”. A sensação que se tem é que o futuro foge ao controle e, com isso, o indivíduo se vê incapaz de planificar, de fazer projeções para médio e longo prazo. Em estreita afinidade com esse processo estaria a autorresponsabilização pelo seu desempenho, isto é, a interpretação de que cabe a cada sujeito – e apenas a ele – a responsabilidade pelos sucessos ou pelos fracassos ao longo de sua trajetória. Nesse contexto de incerteza, o futuro torna-se fonte de ansiedade, enquanto o presente assume papel importante na busca de sentido e de controle do tempo, principalmente se tratamos de camadas populares.

Tal situação vivida pelo jovem tem raízes concretas em questões objetivas e subjetivas que interferem em suas escolhas, pois o mercado de trabalho em mutação tem peso importante na construção dos projetos nessa etapa da vida. Dados recentes da International Labor Organization (ILO), corres-

pondente à Organização Internacional do Trabalho (OIT) em português, apontam para o aumento do desemprego mundial, principalmente da população jovem. A escolarização ainda atua como um fator diferencial na conquista de um emprego, embora nos países desenvolvidos, principalmente na Europa, cuja população tem maior longevidade escolar, os detentores de diploma universitário também estejam encontrando dificuldades para conseguir o primeiro emprego (INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION, 2012a).

Nas economias desenvolvidas, há uma forte ligação entre o nível de instrução e os resultados do emprego, e as pessoas com níveis mais elevados de escolaridade desfrutam de uma vantagem competitiva no mercado de trabalho, incluindo níveis salariais mais elevados. Por exemplo, em uma amostra de 27 economias desenvolvidas, as pessoas com educação fundamental incompleta ou menos tiveram as maiores taxas de desemprego em 25 países em 2010. A vantagem no mercado de trabalho para quem possui ensino superior foi particularmente notável na Eslováquia. A taxa de desemprego das pessoas com uma baixa escolarização (ensino fundamental incompleto) ou menos neste país situou-se em 44,2 por cento em 2010, contra 14,1 por cento para aqueles com ensino médio completo e 5,8 por cento para aqueles com diploma de ensino superior (INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION, 2012a, p. 29, tradução nossa).

Como é possível observar pelo relatório da ILO, publicado em 2012, o cenário não é animador para a parcela da população em questão, embora a escolarização ainda atue como uma (relativa) proteção contra o desemprego, principalmente em tempos de crise econômica. O mesmo documento afirma que, no caso do Brasil, os reflexos da crise mundial também foram sentidos (INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION, 2012a)

Entre 2008 e 2009, a população brasileira repetiu a tendência mundial de aumento na taxa de desocupação de jovens, que subiu de 7,1% para 8,3%, acarretada pelas flutuações financeiras do mercado internacional e pela flexibilização das leis trabalhistas. No entanto, a ILO (2012a) identificou que, em um período mais longo, de 2007 a 2011, o número de jovens desempregados no Brasil caiu de 21,8% para 15,2%, contrariamente ao observado na

Europa, América Latina, norte da África e Oriente Médio. Ainda que os dados sejam relacionados, pela mídia, ao sucesso do programa econômico do Governo Federal, quando se avalia o fenômeno de perto a conclusão mostra-se bastante distinta. Economistas e demógrafos sugerem que essa retração do desemprego juvenil no Brasil estaria relacionada mais à tendência demográfica de “envelhecimento populacional”, ou seja, de diminuição da parcela da população entre 18 e 24 anos, do que aos esforços estatais contra a crise econômica. Além disso, mesmo com o decréscimo indicado pelos dados da ILO, a faixa etária que compõe a População Economicamente Ativa (PEA) mais afetada pela baixa remuneração, pelo trabalho precário e pelo desemprego permanece sendo a dos jovens. Diante desse quadro, compreende-se a incerteza e a insegurança dos egressos da Educação Básica, as escolhas profissionais, as relações e transmissões intergeracionais e, certamente, as estratégias familiares diante da transição para o mercado profissional mais competitivo, arriscado e multifacetado do que há três décadas (INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION, 2012b).

Historicamente, o desemprego entre os jovens é comumente mais alto do que na população em geral, porém o que se tem observado no caso brasileiro é preocupante tanto no que diz respeito ao nível já atingido como também pela distância da taxa de desemprego geral. A instabilidade do mercado de trabalho pode ser reconhecida como uma das causas para o aumento do tempo de permanência dos jovens na casa dos pais ou para a dependência financeira prolongada. Tal fenômeno tem levado diversos analistas a considerarem o “alargamento da juventude”. Isto é, se havia certo consenso na literatura de que os 25 anos era a idade para o limite da juventude, hoje já é comum encontrarmos artigos com o limite de 29 anos para se considerar o indivíduo jovem (ROCHA, 2008).² As mudanças nos limites etários da juventude influenciam decisivamente nas políticas públicas, nos projetos e nas iniciativas privadas voltadas para esta parcela da população. Outros autores também apontam para o prolongamento da juventude ao discutir a

² Esses dados vêm sendo confirmados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) (CAMARANO, 2006).

convivência destes na família. Enquanto, na década de 1970, a inserção no mercado de trabalho constituía-se como a autossuficiência financeira e, portanto, como um símbolo de independência familiar, hoje esta conquista na vida do jovem não tem sido acompanhada da saída da casa dos pais. Ramos (2006) e Camarano (2006), ao tratarem do caso de jovens adultos que coabitam a casa dos pais, defendem que a família constitui-se em uma rede na qual existem diversas dependências. Aparentemente, tal interdependência pode significar um empecilho para as relações familiares, mas quando são criadas em bases seguras, estas relações intergeracionais favorecem a construção da autonomia e da identidade.

Tal construção no contexto familiar também é observada por meio de uma pesquisa realizada por Pais, Cairns e Pappámikail (2005) em diversos países europeus, como Reino Unido, Alemanha, Espanha, Itália, Holanda, Portugal, França, Dinamarca e Bulgária. A pesquisa revelou perfis diversos de jovens nos diferentes países europeus que vão desde aqueles que permanecem na casa dos pais depois dos 25 anos com dependência econômica (total ou parcial) até aqueles que saem da casa dos pais antes dos 20 anos e constroem sua independência financeira por meio do trabalho em tempo parcial ou integral. Dessa forma, os diferentes perfis de jovens encontrados em regiões geográficas relativamente próximas levam os autores a questionarem o conceito de alargamento da juventude, conforme apresentado anteriormente.

A ideia do “prolongamento da juventude”, frequentemente associada às “dificuldades de transição”, está ancorada em dois pressupostos ainda por provar: o primeiro parte do princípio de que os jovens querem ser adultos a qualquer custo; portanto, esbarra-se aqui em um postulado teórico bastante explorado na sociologia da juventude nas últimas décadas, qual seja, investigar não como se vive propriamente a juventude, mas como se sai dela. Já o segundo princípio depende-se da premissa de que, para uma dada faixa etária, essa transição pode ser objetivada em eventos identificáveis. Para Singly (2007), tais “eventos” dizem respeito à saída da juventude para a vida adulta, o que pode ser assinalado através de marcadores identificáveis, como um casamento, o primeiro emprego etc., como se

uma transição estatutária estivesse inevitavelmente associada a uma transição identitária. Em qualquer dos casos, perspectivas homogeneizadoras esbarram num cenário de acentuada singularização de trajetórias, atitudes e comportamentos juvenis, enfraquecendo, conseqüentemente, as fronteiras simbólicas da juventude como um grupo específico (PAIS; CAIRNS; PAPPÁMIKAIL, 2005).

Para tratar desse processo de dependência familiar, Pais (1995 apud PAIS, 2005) utiliza a expressão “geração ioiô” para aduzir as idas e vindas desse grupo geracional ao mercado de trabalho, ao sistema educativo, ao estado civil (casamento, separação ou divórcio) e à moradia (casa dos pais e casa própria).

Disposições familiares e o processo de construção dos projetos

A escola ainda é uma instituição valorizada pelos jovens, contudo existem variações na importância dada à instituição pelas camadas populares. Em sua pesquisa sobre projetos de vida com alunos de escolas públicas e particulares no Rio de Janeiro, Costa e Koslinski (2006) perceberam diferenças significativas no depoimento de estudantes das escolas de maior e menor prestígio. O crédito conferido à escolarização nos projetos futuros diminui entre aqueles que estudam em escolas de pior reputação localizadas nos bairros afastados do centro.

Assim, argumentações que destacam o valor da escola e dos estudos na definição do futuro e, portanto, dão ênfase ao valor da educação em suas vidas presentes foram encontradas praticamente na unanimidade dos grupos que concentravam estudantes em “melhores escolas”, turmas e situações socioeconômicas favoráveis. À medida que os grupos focais se deslocaram para “áreas periféricas” do núcleo prestigiado da educação (turmas, escolas e população mais pobres), a ênfase da importância da escola para a definição do futuro e do presente vai diminuindo. Esta, no entanto, não é uma trajetória linear ou simples (COSTA; KOSLINSKI, 2006).³

³ Costa e Koslinski (2006) também aplicaram questionários aos alunos, porém os dados apresentados no artigo em questão são oriundos dos depoimentos coletados por meio de grupo focal. Portanto, a capacidade de generalização destes dados é restrita.

Não são poucos os autores que discutem o peso dado à trajetória escolar para as escolhas de futuro profissional, tais como Bourdieu e Passeron (2008), Costa e Koslinski (2006), Faria (2006), Nogueira e Nogueira (2004). A literatura mostra que os alunos das classes populares, em geral, se autorresponsabilizam pela defasagem, reprovação ou mesmo evasão escolar, o que os leva a terem expectativas bastante reduzidas em relação ao futuro profissional. Há dificuldade em se atribuir o fracasso às condições externas ou mesmo em reconhecer a violência simbólica presente na cultura escolar.

Em sua investigação com alunos concluintes do 9º ano em Portugal (que corresponde ao 9º ano no Brasil), Faria (2006) afirma que tanto os próprios alunos quanto suas famílias defendem uma cultura meritocrática, sob a qual os menos empenhados e determinados não conseguem a continuidade dos estudos e, conseqüentemente, são levados a adaptar suas escolhas ao universo possível, cumprindo a trajetória em direção aos cursos para os quais estão “vocacionados”.

Quando aculturados por uma sociedade que lhes garante igualdade de acesso e desigualdade de sucesso, esses alunos e suas famílias julgam-se piores do que os outros, por isso se afastam conscientemente da corrida. A frequência escolar, ao impor aos alunos das classes populares a aprendizagem da linguagem, das normas, valores e crenças socialmente legitimadas como condição do sucesso escolar, parece torná-los especialmente acrílicos em relação a esses mesmos valores. Neste sentido, tornam-se os primeiros defensores de uma cultura meritocrática, que vê na escola o mais importante mecanismo de seleção e que faz deles as principais vítimas (FARIA, 2006).

Nota-se, pelo trabalho da autora, que as famílias se empenham no cumprimento dos programas escolares,⁴ mas, diante de trajetórias acadêmicas irregulares e de casos de fracasso, se autoculpabilizam ou aos seus filhos.

Sabe-se que as famílias estão se tornando instituições flexíveis e, nas últimas décadas, convivem diferentes configurações familiares (SINGLY,

2007). No contexto contemporâneo, pode-se observar a convivência entre mais de duas gerações no domicílio e esta situação exige novas formas de negociação do espaço e do poder. Mesmo residindo em lugares distintos, as diversas gerações familiares mantêm laços de cooperação entremeados de momentos de conflito, mas nem sempre de ruptura.

A pesquisa desenvolvida em Belo Horizonte e em Mariana não pode se furtar a este debate. Ao tratar das escolhas dos jovens, discute o universo que os cerca e o papel que as diferentes gerações que compõem a família desempenham nesse contexto.

Assim, a transmissão geracional traz referências às heranças familiares que são passadas ao longo dos anos por várias gerações, traduzindo-se nas referências identitárias e, conseqüentemente, na estabilidade (ou não) do grupo. Não se pode negligenciar essas relações quando se trata de disposições familiares, pois no grupo existe uma “interconectividade” entre as histórias de vida e o jovem é um integrante ativo nas redes de significado (GONÇALVES, 2005).

A metodologia da pesquisa

Para a construção da pesquisa foram aplicados 149 questionários a estudantes do último ano do Ensino Médio em duas escolas públicas de Mariana (interior de Minas Gerais) e em duas escolas públicas de Belo Horizonte dos períodos matutino, vespertino e noturno, selecionadas segundo as notas no Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE) de 2007. Foi selecionada apenas uma sala de aula de cada turno da escola (matutino, vespertino e noturno)⁵ e todos os alunos destas salas, estudantes-trabalhadores ou não, responderam aos questionários semiestruturados aplicados pelos pesquisadores ou bolsistas.

A partir da tabulação por meio do programa SPSS e da análise destes resultados, os alunos que marcaram a opção na qual era evidenciada a influência dos pais na vida escolar e nas decisões para o futuro foram selecionados para uma posterior entrevista com seus pais e avós.⁶ Logo após verificados

⁴ Sobre o envolvimento das famílias na educação dos alunos concluintes do 9º ano, Diogo (2010) realizou um exaustivo estudo sob abordagem quali-quantitativa no qual fez diversas correlações entre as práticas e estratégias familiares, a posição do jovem no domicílio e o nível socioeconômico da família.

⁵ Não participaram da amostra alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

⁶ É reconhecida a importância de outros sujeitos presentes na família consanguínea ou fora dela, como tias e tios, madrinhas e padrinhos, vizinhas e vizinhos, madrastras e padrastras etc. na trajetória escolar

os alunos que demonstraram que tinham o auxílio dos pais nas decisões para o futuro, as famílias receberam em suas casas um bolsista/pesquisador para fazer as entrevistas com uma mãe ou pai, avó ou avô. Elegemos oito famílias (avô ou avó e pai ou mãe) para serem entrevistadas. Foram colhidos depoimentos de um dos avós e de um dos pais dos jovens selecionados. Os critérios de seleção dos questionários para a entrevista com os familiares foram: maior proximidade entre as três gerações (netos que moram com os avós ou que os encontram pelo menos uma vez por semana); percepção de maior conflito intergeracional (se ocorrem mais discussões na família motivadas pelo baixo envolvimento do(a) jovem nos estudos); condição de trabalho do(a) estudante (se trabalha ou não); e percepção deste e de seus familiares a respeito da escola. Na pesquisa também foram ouvidos professores e diretores, contudo os resultados aqui apresentados são relativos somente aos estudantes, seus avós e seus pais.

É importante esclarecer que, neste artigo, os nomes dos depoentes e das escolas foram omitidos para garantir o anonimato. Assim, os depoentes serão identificados por uma letra do nome e a condição familiar (avó, mãe ou pai), e a escola será identificada por um número (de um a quatro).

Caracterização da amostra

Antes de iniciarmos a discussão do tema, é importante demonstrar o perfil do estudante de que estamos tratando. Os alunos entrevistados são jovens e a maioria deles (82,5%) possui até 20 anos, e o número de rapazes é ligeiramente maior que o de moças (53% e 46,6%, respectivamente). Do total da amostra, 51,7% deles frequentam o curso noturno e um pouco mais da metade (57,7%) estuda na capital. Como era de se esperar, a maioria dos jovens que estuda à noite exerce alguma atividade profissional e apenas 19,5% deles não trabalham. Quanto à carga horária da jornada de trabalho, chamou atenção da equipe o fato de 44,2% dos alunos do período noturno alegarem trabalhar mais de quarenta horas semanais – fato que corrobora o perfil do “estudante-trabalhador”. Inversamente, nos cursos diurnos, 70,8% dos jovens não trabalham

dos jovens. Para essa pesquisa o recorte metodológico se restringiu apenas aos pais (mãe e pai) e aos avós (avó e avô).

e, entre aqueles que trabalham, 13,9% afirmam cumprir uma jornada semanal de até 20 horas, o que configura uma realidade radicalmente distinta à do período escolar noturno.

O nível de escolarização dos pais nas duas cidades também é próximo. Quando se trata do grupo com até nove anos de estudos, percebe-se que a escolaridade do pai e da mãe apresenta percentuais próximos, com maior representação dos homens. Quase a metade dos pais (49,0%) e das mães (43,0%) tem até o Ensino Fundamental completo. Essa relação entre os sexos inverte-se quando é analisado o grupo com onze anos de escolaridade (21,5% dos pais e 27,5% das mães possuem Ensino Médio completo) e se mantém quando se observa o grupo com curso universitário completo ou mais (8,8% dos pais e 12,1% das mães alcançaram esse nível de escolaridade). Embora esse dado seja significativo, pois confirma as estatísticas que demonstram o maior investimento das mulheres nos estudos, ressalta-se que o percentual dos pais universitários é bem menor do que o daqueles que completaram o Ensino Fundamental.

Com isso, propomos uma mudança de foco. A escola, observada, analisada e questionada por grande parte dos trabalhos da academia, cede espaço, nesta pesquisa, para o aluno e seu contexto de socialização intra e extraescolar, a partir da escuta dos pais e avós. Muitos desses rapazes e moças participantes da pesquisa se propõem a continuar os estudos; outros, já trabalhadores, precisam do diploma para conseguir a promoção ou empregos melhores.

O objetivo de se escolher jovens morando na capital e no interior foi o de investigar se há diferenças de costumes, tradições, atratividade de emprego e estratégias geográficas entre a escola e o emprego, e se estas se constituem como fatores significativos no processo de escolha profissional desses jovens. Especificamente neste artigo, analisaremos os agentes que mais influenciam nas escolhas e nos fatores que levam à rejeição ou à identificação com o trabalho dos pais nas duas cidades, privilegiando os resultados dos questionários aplicados aos alunos.

Resultados

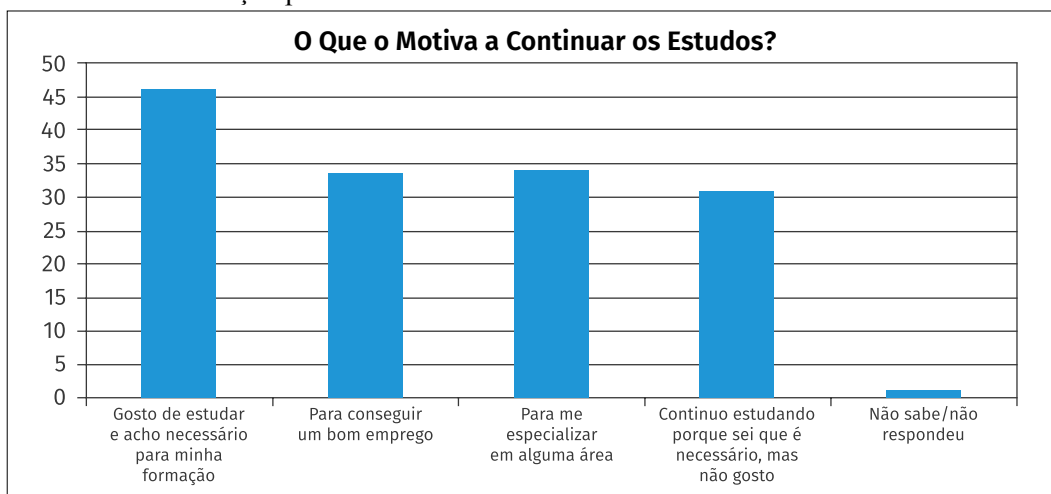
Podemos afirmar que, nesta pesquisa, os resultados apontam para uma significativa influência

da família e dos amigos na vida dos jovens. Os dados também revelaram que a maioria dos alunos (68,5%) conversa com seus pais sobre a escola, suas dificuldades e experiências, e que também há o diálogo a respeito do futuro profissional (81,2% dos casos). Esse percentual aumenta quando se trata de expectativas para o mercado de trabalho.

Os estudantes investigados não sentem segurança no mercado de trabalho para o jovem: 34,5% acreditam que está bom ou médio; 39,6%, que está regular; e 23,5%, ruim ou péssimo.

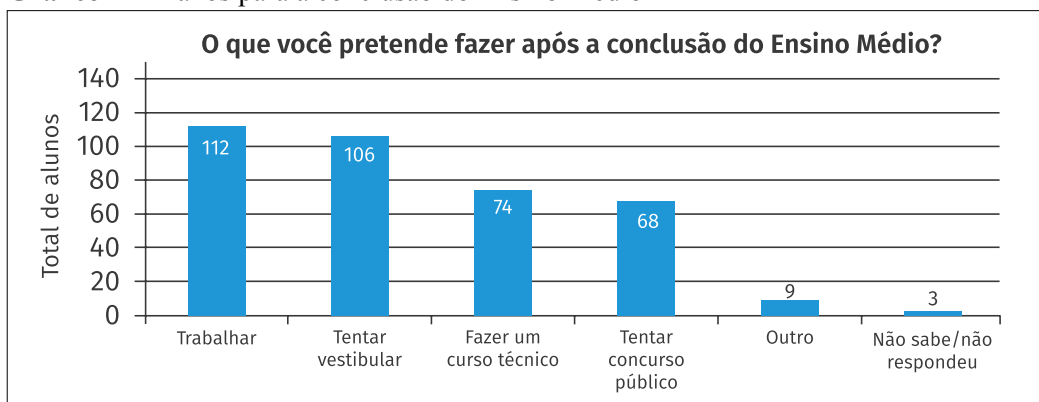
Os alunos ouvidos têm aspirações distintas em relação à educação. Nota-se, pelo Gráfico 1, que 46 alunos (30,9%) responderam que consideram os estudos importantes para sua formação, e uma parcela significativa (20,8%) continua estudando porque é necessário. Chamamos atenção para o fato desses alunos não se identificarem com a alternativa que afirma que os estudos servem “Para conseguir um bom emprego”, o que demonstra que não associam diretamente a educação ao trabalho.

Gráfico 1 – Motivação para a continuidade dos estudos



Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo.

Gráfico 2 – Planos para a conclusão do Ensino Médio



Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo.

O Gráfico 2 mostra que, para a maioria dos jovens, o trabalho e a continuidade dos estudos não são excludentes e o curso técnico não está entre as maiores aspirações. Porém, ao somar as respostas “trabalhar” com “fazer um curso técnico” para a

pergunta sobre o que fazer após o ensino médio, encontramos um resultado relevante, que aponta para a urgência da vida cotidiana desses jovens, o que lhes dá uma disposição pragmática em relação ao futuro profissional. Tal resultado também pro-

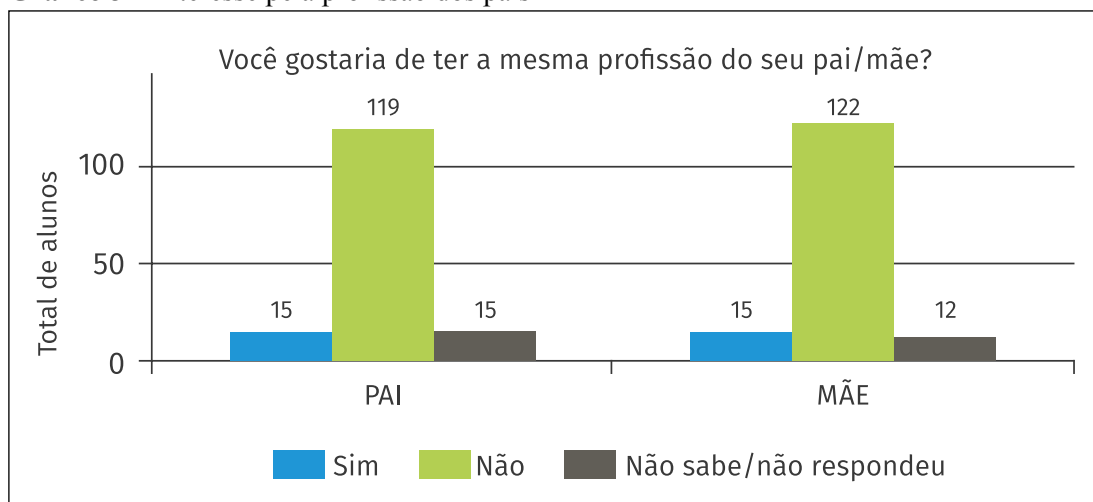
voca a reflexão a respeito das possibilidades que esses jovens e suas famílias enxergam para seu futuro a partir do contexto em que estão inseridos (incluindo a condição socioeconômica e cultural) e de sua trajetória escolar, conforme esclarecem Leão, Dayrell e Reis (2011). Tais possibilidades levam os estudantes e seus pais a fazerem e refazerem os projetos para o futuro de acordo com as condições concretas de subsistência do momento.

Nesse *continuum* de projetos, as diferentes posturas diante do futuro podem ser entendidas como a busca de estratégias que os sujeitos construam para lidar com o contexto em que se formavam e no qual se encontravam, ou seja, o seu campo de possibilidades; mas, também, com os recursos materiais e subjetivos a que tinham acesso, com a qualidade da sua trajetória escolar, o acesso ou não

às informações sobre o Ensino Superior e sobre o mundo do trabalho, entre outras variáveis que interfeririam diretamente na capacidade de lidar com o futuro, em um contexto social dominado pelas incertezas (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011).

Percebemos, pela afirmação dos autores, que os projetos de vida são mutáveis, pois estão sujeitos a inúmeras variáveis. O que devemos considerar nesta pesquisa realizada em Belo Horizonte e em Mariana é que, embora haja essa margem de manobra (mais ou menos limitada, dependendo das condições concretas de existência das famílias) nos projetos, os jovens querem ir além. A aspiração de fazer o curso superior distancia esses jovens do universo profissional dos pais. Isso fica claro quando perguntado se eles queriam seguir a profissão do pai ou da mãe.

Gráfico 3 – Interesse pela profissão dos pais



Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo.

Nota-se que a grande maioria dos jovens pesquisados rejeita a ideia de seguir a profissão materna ou paterna. Quando fazemos a comparação por gênero, observamos que, no caso do trabalho dos pais, 91% das moças e 70,1% dos rapazes (casos válidos) não querem seguir a mesma profissão. No que diz respeito ao trabalho das mães, a rejeição é de 86,1% para as moças e 76,8% para os rapazes. Chamamos atenção para o fato das jovens apresentarem maior rejeição que os rapazes tanto no que diz respeito a seguir o trabalho do pai, quanto da mãe.

Assim como os filhos não querem seguir a mesma profissão dos pais, os pais também não desejam que os filhos sigam seus passos na profissão, e muito menos os avós, na maioria semianalfabetos e ex-trabalhadores rurais ou urbanos sem qualificação.

Uma profissão melhor, não é?! Porque profissão de roça não é boa, não. Eles têm que procurar um jeito, não é?! Seja um motorista... Porque a gente interessa mais que eles tenham uma profissão melhor do que a que nós tivemos. Porque agora está tendo muita

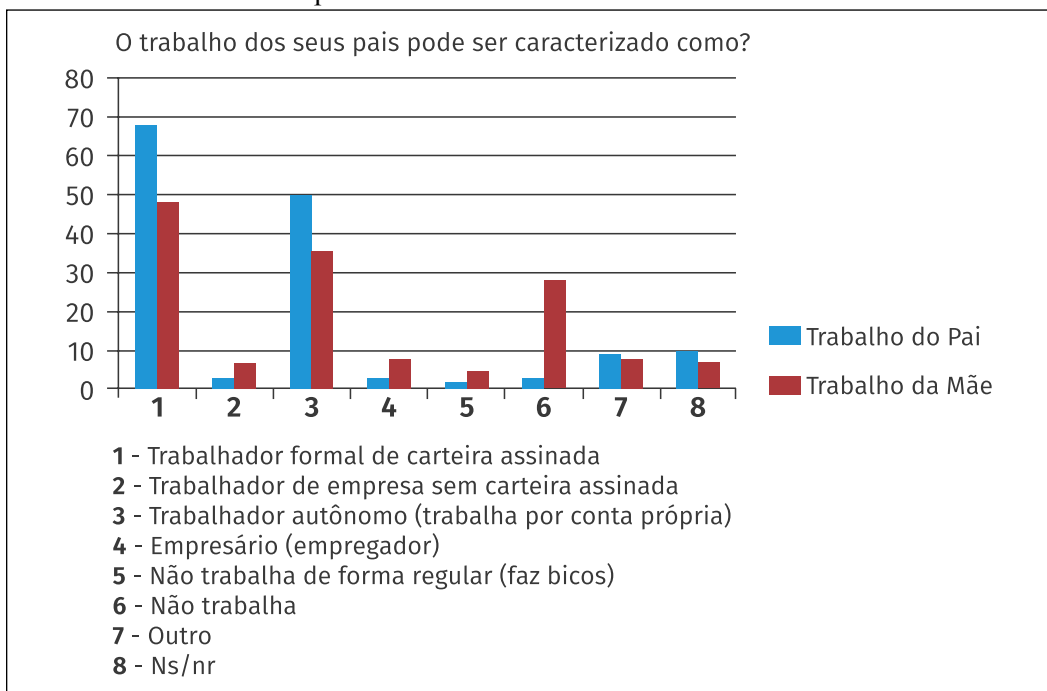
qualidade de estudar, basta a boa vontade dos netos. (AVÓ DE E, ESCOLA 3).

Observa-se, pela fala da avó de E, que o desejo de uma profissão melhor para ela não significa um curso técnico ou universitário. O emprego de motorista já é muito melhor do que foi possível para ela no passado, e o futuro está nas mãos dos jovens porque para ir além lhes “basta boa vontade”.

Às vezes o financeiro não é tudo, né? Porque eu conheço pessoas bem pobres que tiveram sucesso muito grande, então financeiro não é tudo. Eu acho que é preciso conversar muito, chegar, apoiar, mostrar, ouvir também, a gente tem que ouvir também, porque às vezes a gente quer aquilo, mas a gente não escuta o que eles têm pra falar, as opiniões deles são diferentes das nossas, a gente tem que saber ouvir, principalmente ouvir. Porque não adianta chegar: ‘Eu vou pagar isso e isso...’ Ele não está interessado no seu dinheiro, às vezes ele está interessado em trabalhar e pagar a partir daquilo, mas ela está interessada simplesmente na sua atenção. Às vezes você para dez minutinhos e é muito mais importante que abrir a carteira e.. não, não é assim, eu escuto muito. (MÃE DE LO, ESCOLA 2).

A rejeição por se manter no mesmo ramo de trabalho dos pais pode ser explicada também pela forte representação deles em atividades que exigem pouca especialização. Nota-se, no Gráfico 4, que a maioria dos pais são trabalhadores formais, porém uma parcela significativa deles é trabalhador autônomo (com baixa escolaridade, conforme mencionado anteriormente). No caso das mães, é importante observar que quase 20% (18,8%) não trabalham, o que pode ser associado às tarefas domésticas. Esses resultados encontram o aporte teórico nas obras de Bourdieu e Passeron (2008), Nogueira e Nogueira (2004), Faria (2006) e Diogo (2010), que apontam para a supervalorização dos diplomas na sociedade contemporânea. É na busca desses certificados que as famílias se mobilizam e se organizam a fim de oferecer melhores condições de estudos aos filhos. Assim, o aprendizado de um ofício não se atém mais à aprendizagem prática, cotidiana, mas sim à conclusão dos estudos. O trabalho dos pais, com estabilidade e carteira assinada (Gráfico 4), já não é atraente para os filhos, pois o diploma de Ensino Superior (almejado pelos entrevistados, conforme apontado anteriormente) é o motor de suas aspirações para o futuro.

Gráfico 4 – Trabalho dos pais



Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo.

Mesmo evitando o direcionamento na carreira dos jovens, percebe-se que a família interfere nas escolhas. Entre os estudantes, a família extensiva aparece como a principal influência na decisão profissional, mesmo estando inseridos em uma ampla rede de relacionamentos virtuais ou não. Como é possível observar no depoimento dessa mãe a respeito da relação com a filha, em se tratando de assuntos escolares.

Então a gente conversa muito sobre isso porque eu acho que faz falta, não é?! Lógico! Pra qualquer coisa na vida hoje, pra você ser uma doméstica está se exigindo qualificação e estudo. Então, eu tenho muito medo, no futuro, de que isso venha a fazer falta para ele, não abro mão dele [não] abandonar [os estudos]. Então a gente conversa muito por causa disso. Mas, assim, o fato de eu ter curso superior e tal, não tem feito muita diferença nisso não e nem o fato da irmã dele gostar de estudar, eu acho que é uma coisa dele mesmo. Na hora que ele tiver maior idade, ele vai ter que sentir na pele a necessidade para ele se esforçar, porque até agora foi meio que no empurrão assim. E eu converso muito com pessoas que têm filhos da mesma idade, e eu acho que é um número maior de, principalmente, homens, meninos com esse perfil de alunos. (MÃE DE C, ESCOLA 3).

Na pesquisa feita em Belo Horizonte e em Mariana não se percebeu uma diferença que marcasse significativamente os jovens das escolas públicas da capital e do interior, em relação aos seus projetos futuros. Contudo, há uma dimensão comum presente no discurso dos alunos e familiares entrevistados de todas as escolas investigadas, independente de seu desempenho, qual seja a de que o mérito e o esforço pessoal interferem fortemente na escolha para o futuro. Entre os 149 jovens que responderam o questionário, a grande maioria (79,9%) afirma que o desempenho escolar influencia no futuro profissional. Isso demonstra que, também para esses jovens, os projetos para o futuro dependem do sucesso alcançado nos estudos.

Conforme mencionado anteriormente, Diogo (2010) ressalta que é comum a autocolpabilização das famílias pelas situações de irregularidade e fracasso escolar de suas crianças e jovens. Tal

comportamento pode ser evidenciado a partir do depoimento a seguir, quando uma tia foi questionada a respeito da influência da escola na vida profissional do aluno.

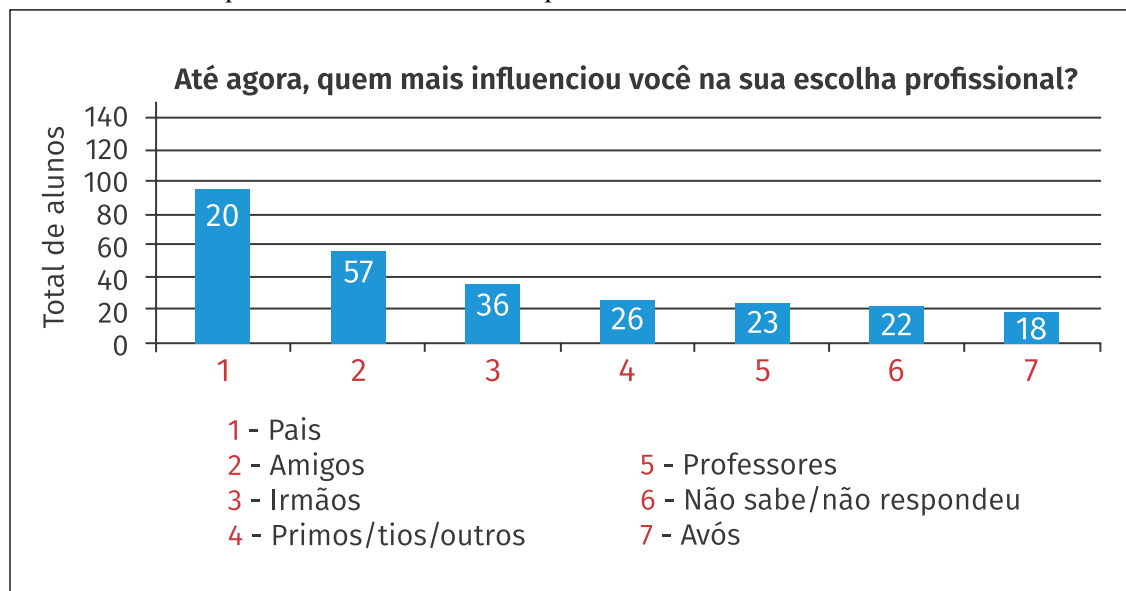
Olha, eu acho que o apoio essencial é o que nós estamos fazendo, é questionar pra ela mesma o que que ela quer. Depois, que ela invista no estudo, porque sem isso não adianta que não vai, que não consegue mesmo. Mesmo a gente achando que ter um canudo não tem importância, tem importância, sim! A gente vê até mesmo pelo lado profissional, tem emprego que está investindo no estudo do seu funcionário, porque precisa de uma formação profissional, então, querendo ou não, você tem que estudar, tem que ir adiante nisso. É extremamente importante tanto concluir o 2º grau, concluir o Ensino Superior ou mesmo uma formação dentro de uma determinada área, uma especialização [referência aos cursos técnicos e profissionalizantes], por exemplo, a mais fácil de todas. (TIA DE T, ESCOLA 1).

A rede de socialização desses jovens é bastante diversificada e, independentemente da cidade onde moram, fora da escola passam a maior parte do tempo com os amigos (60,4%) ou acessando a internet (63,1%).

A pesquisa revelou que, embora esses jovens tenham construído uma grande rede de sociabilidade, da qual fazem parte amigos virtuais ou não, namorados (as), professores, parentes etc., a família ainda é uma fonte importante de referência quando se trata de assuntos ligados à escola e ao futuro profissional.

As escolas, agências importantes de socialização, são percebidas mais como espaços de sociabilidade do que como espaços de aprendizagem e orientação para o futuro profissional, mesmo entre aquelas com melhor desempenho nas avaliações estaduais.

Assim, é possível inferir, pelos dados coletados e analisados, que mais do que a cidade, os ambientes escolar e extraescolar influenciam nas relações familiares e na socialização. A ênfase no mérito e no esforço foi recorrente nas famílias das quatro escolas de nossa amostra, tornando-se o denominador comum para a construção de expectativas para o futuro.

Gráfico 5 – Principais influências na escolha profissional

Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo.

Considerações finais

A partir da pesquisa bibliográfica e do trabalho de campo, foi possível compreender que as gerações não se constituem em grupos isolados e estanques. Há uma interlocução constante, porém com maior ou menor intensidade entre pais, avós e netos em distintas situações da vida familiar. Para além do diálogo intergeracional, as famílias de hoje estão abertas às influências do mundo e das relações externas a esse ciclo.

Assim, a convivência intergeracional é permeada de conflitos e diálogos, a partir dos quais os mais velhos e os mais jovens ensinam e aprendem em diferentes contextos. Se os mais velhos buscam transmitir aos mais jovens valores como honestidade, retidão de caráter e a importância dos estudos para a vida profissional, os mais jovens procuram trazer aos avós novas formas de interpretar o mundo, introduzindo no ambiente doméstico novas tecnologias, novas formas de comunicação, de perspectiva de futuro e de se posicionar no mundo. Eles são vistos como agentes de mudança capazes de ascender socialmente por meio da educação.

A família é de importância fundamental na vida desse jovem e atua como mediadora das influências culturais na sua vida, portanto, a maneira do jovem pensar, agir e se comportar está intimamente

ligada aos valores transmitidos no lar onde cresceu. Todavia, a interferência do meio social também é observada nas famílias, pois com as mudanças na sociedade transformam-se também os padrões familiares, que vão absorvendo novos padrões psicológicos, sociais, políticos, econômicos e culturais, o que requer adaptações e acomodações às realidades enfrentadas. As diferentes configurações sociais que vão surgindo trazem novas concepções e funções aos sucessivos agentes dessa família e, conseqüentemente, refletem na formação de cada indivíduo.

Certamente, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, os resultados aqui encontrados não podem ser generalizados, porém as análises realizadas nos permitem apontar para a mobilização, por parte dos pais e dos avós, pela continuidade dos estudos dos jovens e para que eles obtenham empregos com maior rendimento e prestígio do que os das gerações anteriores. Os jovens que participaram da pesquisa também revelaram o desejo de seguir estudando e consideram fortemente os conselhos dos mais velhos, porém não deixam de respeitar e avaliar as opiniões e informações que se originam de outros espaços. Dessa forma, os momentos vividos na escola representam, em muitos casos,

a oportunidade de conviver com os pares, fazer amigos e, assim, vivenciar novos espaços de sociabilidade e aprendizagem.

Pais e avós nem sempre conseguem acompanhar as mudanças e oportunidades que surgem no mercado de trabalho, e é na ampliação dessas redes de socialização que o jovem encontra subsídios para suas escolhas. Contudo, a escolarização é vista pelas famílias entrevistadas como a principal referência para a mobilidade social ascendente. Pais e avós procuram estimular o jovem a partir do diálogo e, mesmo com poucos recursos e frágeis estratégias de mobilização a favor da continuidade dos estudos, esse grupo permanece como importante apoio, referência e fonte para a busca de futuro profissional mais rentável para o jovem. Os avós, com menor escolaridade e pouco conhecimento do mercado de trabalho atual, expressam o desejo de

ver os netos realizados e felizes. Os pais apresentam uma visão mais pragmática em relação ao futuro profissional dos filhos, porém as duas gerações reconhecem as dificuldades do mercado de trabalho e buscam proporcionar aos filhos e netos melhores condições de estudo que as que tiveram no passado. Os jovens, por sua vez, ao reconhecerem o esforço familiar pela escolarização, negam manter-se no mesmo status que os pais ao rejeitarem a profissão dos ascendentes como perspectiva para seu futuro profissional, reconhecendo, dessa forma, na educação um caminho de mudança de status e de renda. Concluindo, percebe-se com este estudo que, a despeito do reconhecimento dos múltiplos espaços e tempos de socialização, a família ainda ocupa um lugar central na transmissão de disposições, expectativas e projetos de futuro profissional para os jovens.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BRENNER, Ana K., CARRANO, Paulo C. R. Os sentidos da presença dos jovens no ensino médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 35, n. 129, p. 1223-1240, out./dez. 2014.
- CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.
- COSTA, Marcio da; KOSLINSKI, Mariane Campelo. Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, p. 133-201, jan./abr. 2006.
- DIOGO, Ana Matias. Do envolvimento dos pais ao sucesso escolar dos filhos: mitos, críticas e evidências. **Revista Lusó-Brasileira de Sociologia da Educação**, edição especial, p. 71-96, 2010.
- DOMINGUES, José M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. **Tempo Social**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 67-89, maio 2002.
- FARIA, Susana. O envolvimento familiar no processo de decisão dos jovens à saída do 9º ano. **Interacções**, v. 2, n. 2, p. 113-140, 2006.
- GONÇALVES, Hebe S. Juventude brasileira: entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 207-219, nov. 2005.
- INTERNATIONAL LABOR OFFICE (ILO). **Global employment**: trends for youth. Geneva, 2012a. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms_180976.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2013.
- _____. **Global employment trends 2012**: preventing a deeper jobs crisis. Geneva, 2012b. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/employment/doc/get2012_763.pdf>. (Acesso em: 08/06/2014).
- LAHIRE, Bernard. Infancia y adolescencia: de los tiempos de socialización sometidos a constricciones múltiples. **Revista de Antropología Social**, n. 17, p. 21-38, 2007.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez, T.; REIS, Juliana B. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out./dez. 2011.

NEUBAUER, Rose. et al. Ensino médio no Brasil: uma análise de melhores práticas e de políticas públicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 92, n. 230, p. 11-33, jan./abr. 2011.

NOGUEIRA, Maria A.; NOGUEIRA, Cláudio M. M. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. Jovens europeus: retrato da diversidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 109-140, nov. 2005.

RAMOS, Elsa. As negociações no espaço doméstico: construir a “boa distância” entre pais e jovens adultos “coabitantes”. In: BARROS, Myrian L. (Org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 91-106.

ROCHA, Sônia. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 533-550, set./dez. 2008.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Tradução de Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

Recebido em: 22/09/2015

Aprovado em: 20/06/2016